

# **APRENDENDO COM CÉLESTIN FREINET: O PASSADO AINDA É PRESENTE**

**Ivan Fortunato**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo,  
câmpus Itapetininga, Brasil

## **RESUMO**

Este artigo é ensaio que foi escrito a partir de mais de dez anos de experiência com a pedagogia. O objetivo principal é apresentar as ideias e técnicas de Célestin Freinet como atuais e muito importantes para que a estrutura da educação formal possa ser repensada.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Pedagogía – métodos naturais – psicología sensível

## **ABSTRACT**

This article is an essay that was written from over ten years of experience with teaching. The main objective is to present the ideas and techniques of Célestin Freinet as current and very important for the structure of formal education may be rethought.

## **KEYWORDS**

Pedagogy – natural methods – sensible psychology

“Ao contrário, a escola segue, sempre com um atraso mais ou menos lamentável, as conquistas sociais. Cabe a nós reduzir esse atraso, o que já será uma vitória apreciável (Freinet, 2001)”.

Este artigo é ensaio que foi escrito a partir de mais de dez anos de experiência com a pedagogia, seja como estudante universitário ou professor de graduação, formando futuros professores para a escola. Nesse decenário minhas ideias sobre educação se converteram em uma forma muito lúgubre sobre escolarização formal, como que se esta não devesse permanecer como está, pois tem sido a mesma há séculos. E não desejo que acreditem em mim, mas que se permitam ler os escritos do passado, percebendo o quanto estes refletem a atualidade da educação escolar – pelo menos, a realidade da escola brasileira.

As palavras reproduzidas na epígrafe não são de 2001, mas são muito mais antigas. No entanto, esses escritos fazem sentido para a educação escolar do início deste século XXI, e para a escola da década corrente, de 2010. Como exemplo, vimos que há grande conflito entre os professores e as novas tecnologias, porque os *gadgets* são mais interessantes que as aulas, portanto, a escola quer se livrar deles, enquanto os estudantes estiverem na classe (Fortunato e Penteado, 2015). Com isso se evidencia que o atraso da escola em relação às conquistas sociais é mais lamentável do que menos, como queria Freinet.

As palavras reproduzidas na epígrafe foram escritas há mais de setenta anos, por um educador que não abandonara sua profissão, mesmo com problemas de saúde. Ele acreditava que a educação estava entre o dom divino e a prática profissional ética, aprendida e desenvolvida na prática diária de preparar os jovens para os sonhos de amanhã (Fortunato, 2013). Assim, Célestin Freinet foi além à sua tarefa, tornando-se um professor interessado em mudar a educação escolar, envolvendo seus alunos no processo de ensino e de aprendizagem, incentivando-os a produzir seus textos e a compartilhá-los com os colegas da sala e das outras salas, por meio do jornal escolar, desenvolvido na própria aula. E os meninos e meninas não eram obrigados ou forçados a escrever contra sua vontade, mas o faziam quando sentia desejo de se expressar. Na sua concepção de ensino, o professor deveria inspirar esse anseio de se comunicar com o mundo, mas não deveria impor um tema para a escrita, nem preparar um plano de atividades.

Freinet fez uso de muitas outras técnicas de ensino que permitem a ação efetiva dos estudantes, tais como o desenho livre, o mural de exposição de trabalhos, os cantos de interesse, a aula-passeio; esta reconhecida como a salvação do trabalho educativo, pois “em vez de me postar, sonolento, diante de um quadro de leitura, no começo da aula da tarde, partia com as crianças, pelos campos que circundavam a aldeia” (Freinet, 1975, p. 23). Este professor acreditava que as crianças aprendem as coisas da escola de forma natural, como se aprende a andar e a falar. Portanto, sua abordagem é reconhecida como método natural: em primeiro lugar, se tenta fazer, depois se tenta entender (Freinet, 1977a; 1977b; 1977c). Ele não compreendia a educação escolar da mesma maneira que outros professores, fazendo com que os alunos permaneçam sentados, em silêncio, observando e escutando para aprender. Assim, escreveu a seguinte piada sobre como seria a forma arcaica de ensinar

alguém a andar de bicicleta... um pedagogo estaria em frente às crianças sentadas e em silêncio, venerando-o, enquanto ele diz:

“Quando conhecerdes bem a bicicleta, quer dizer, se tiverdes escutado as minhas explicações e estudado as vossas lições, sabereis então andar de bicicleta...” (Freinet, 1975, p. 35).

Em outras palavras, imaginar a situação sobre o ensino de bicicletas esclarece suas ideias sobre a educação ser imposta por processos artificiais, que acabam complicando ou arruinando a naturalidade da aprendizagem. A piada encerra com a glória da educação verbal, passiva e que poderia ser designada como alegórica, pois requer apenas a abstração do que é “ensinado”. Para Freinet (1975):

“Um dia, por conseguinte, depois de adquiridas todas as noções, o professor iniciaria a segunda fase da aprendizagem, colocando a bicicleta nas mãos dos alunos. Se por milagre todas estas crianças soubessem andar bem de bicicleta o professor veria nisso o triunfo da escolástica, e sentir-se-ia de parabéns” (Freinet, 1975, p. 35).

No método natural, um menino sobe na bicicleta muitas vezes antes de tomar lições sobre equilíbrio, movimento, uso dos pedais, mecânica da frenagem, segurança, velocidade, tráfego... O mesmo se dá com as tarefas da escola como escrever, somar, dividir, desenhar, e todas as outras. Primeiro, se incentiva à ação, para mais tarde sistematizá-la. No entanto, Freinet (1977a) entendia a escola como uma “inimiga” da aprendizagem natural pela tentativa se de fazer as coisas. Por isso:

“Resulta deste raciocínio de experiência e de bom senso que, em vez de ensinar a redacção partindo das regras gramaticais e sintáticas e da construção das frases, é mais normal e mais eficaz assentar no exercício sintético e vivo. É o que nós realizamos com o nosso método natural” (Freinet, 1977a, p. 49).

Assim, ao oferecer explicações mais detalhadas sobre o seu método natural, Freinet incluiu dois elementos-chave para o desenvolvimento da prática docente ética: o bom-senso e a tentativa experimental. Freinet (1977b, p 21) afirmou que o primeiro é nada mais do que a compreensão de cada estudante que o professor assume a responsabilidade de educar; enquanto a tentativa experimental é a regra universal de aprendizagem, evidenciada pela aquisição da comunicação pela linguagem e o desenvolvimento da marcha. E Freinet acreditava substancialmente em seu método, afirmando que:

“O processo é realmente infalível, mas pressupõe uma reviravolta total da técnica educativa; em vez de situarmos no início da aprendizagem o estudo sistemático das leis e das regras, inserimos a tentativa experimental da criança num meio rico, acolhedor e propício, que lhe oferece flores perfumadas com que fabricar o seu mel. O estudo das regras e das leis só virá mais tarde, quando o indivíduo tiver transformado as suas experiências em indelévels técnicas de vida” (Freinet, 1977b, p. 28).

No entanto, o objetivo deste ensaio não é aprofundar a teoria, o método e as técnicas de Freinet, mas mostrar que o contexto da escola de seu tempo não é muito diferente do contexto atual. A extensa passagem a seguir pode ser

lida como se tivesse sido escrita neste ano de 2016, como se retratasse a escola de hoje:

“É este o drama que vivemos: Noutros tempos, a pedagogia de 1900 seria ainda completamente válida. Pela força das circunstâncias, é considerada actualmente um instrumento pré-histórico. Vós, professores, não vos deveis espantar se, no plano escolar, as crianças não se interessarem pelos vossos textos aprendidos de cor, pelos vossos exercícios, pelas vossas explicações, pelos vossos métodos disciplinares e modo de vida que, segundo eles, datam da pré-história. Ao abandonarem a vossa aula, montarão o seu velocípede [...] E, sobretudo, os meios áudio-visuais de informação fá-los-ão viver num mundo que em nada se pode comparar com a velha escola em que vos obstinais em retê-los” (Freinet, 1975, p. 11).

Ao olhar para os últimos anos da minha vida profissional como formador de professores, voltei à escola para entender o que tinha mudado nas classes dos jovens, desde o tempo em que eu era um menino que caminhava até a sala de aula todos os dias, levando, na minha mochila, livros, cadernos e canetas – mas, pouca vontade de estudar. Gostava do recreio, de jogar futebol na educação física e de não tirar notas baixas nas provas. Nas décadas de 1980 e 1990, tinha pouco interesse em decorar textos, datas, nomes de rios, exercícios de adicionar, subtrair ou multiplicar. As crianças e os jovens gostavam muito das aulas vagas, especialmente quando coincidiam com o último período, pois podíamos sair mais cedo da escola e ter mais tempo para brincar, se divertir, assistir TV e jogar videogames.

Para Célestin Freinet, esse descontentamento dos estudantes era tratado, pelos professores, como falta de interesse no conhecimento e no futuro profissional. Os professores se queixavam de má escrita, ortografia imperfeita e leituras toscas, realizadas pelos alunos. Estas anotações de Freinet são muito atuais e descrevem – geralmente – o mesmo que muitos professores, ativos e em formação, falam sobre os jovens da escola. E a sociedade acredita que as escolas precisam de melhores professores: os pais querem que seus filhos sejam admitidos nas mais renomadas universidades e tenham grandes salários; administradores querem que a escola tenha boas notas nas avaliações externas; a universidade quer dar mais formação para os futuros professores; professores exigem remuneração mais elevada. Ainda assim, às vezes parece que ninguém se importa que a escola nunca tenha mudado sua estrutura, enquanto que a necessidade, o desejo, a curiosidade e o comportamento dos estudantes sempre mudam. Vejam, Freinet, quando escreveu seu tratado de psicologia sensível em vinte e cinco leis sobre a vida humana, acreditava no seu sentido dinâmico, tendo a vida como um “dever” e não um estado permanente. Por isso “este dever que deve animar nossa psicologia para influenciar e dirigir a pedagogia” (Freinet, 1998, p. 19).

É curioso pensar que tanto os educadores, quanto os pais, o governo etc. percebem essa obviedade: os estudantes sempre mudam porque a cultura e a sociedade sempre mudam. Mesmo que percebam essa dinâmica da vida humana, a contradição da escola permanece oculta: a inflexibilidade na forma de educar afeta a natureza humana de aprender e buscar continuamente maneiras de ser e de reorganizar a comunidade. No entanto, a política educacional tende, cada vez mais, a ignorar a vida dinâmica, tornando

estranques as possibilidades de que cada um dos atores da educação escolar – professores e estudantes – atuem de acordo com seus desejos e necessidades de aprender.

Para aqueles que acreditam que a educação formal evoluiu em teoria, métodos e tecnologia durante o último século, há uma história tradicional que desmistifica essa ideia de evolução. Dizem que um homem foi congelado por muitos e muitos anos, sendo ressuscitado na primeira década do século XXI. Este homem se apavorou com as obras de engenharia, com a velocidade de comunicação pela digital, com o avanço da medicina, desde carros e aviões... só se sentiu seguro na escola, dentro de uma sala de aula, pois era a única coisa que permaneceu exatamente da mesma maneira desde o tempo em que ele foi congelado.

Essa anedota é conhecida por alguns educadores, que a acham ofensiva à classe profissional. Do meu ponto de vista, sentir-se ofendido por essa historinha deveria ser um contundente motivador para transformar a prática. Célestin Freinet (1977b, p. 14) disse que se há força de vontade para “alargar o campo da pedagogia”, não se pode ser “amarrado” pela velha escolástica da “pedagogia da aquisição”. Ele via essa pedagogia antiquada como uma forma de ensinar tratando, mecanicamente, todos os estudantes como se fossem a mesma pessoa, exigindo que todos tenham um mínimo rendimento padrão – e este rendimento se caracteriza por uma expectativa geral de aquisição de “conhecimento”, sem que haja qualquer relação direta com o aluno real da escola... Por exemplo: “as limitações criadas por uma pedagogia de simples rendimento escolar não permitiram avaliar com justiça as possibilidades da criança” (Freinet, 1977b, p. 15).

Essa crítica a respeito dessa injustiça conjurada pela pedagogia da aquisição denota outra contradição axiomática da escola congelada há séculos. No discurso, alguns educadores discordam dessa injustiça clara. Na prática pouco foi feito para tornar a pedagogia mais apropriada – seja para os alunos, que desejam aprender, ou para professores que desejam ensinar. No entanto, discursos e boa vontade não mudam a pedagogia da injustiça... e se isso fosse uma inverdade, a anedota do homem congelado não teria nenhum respaldo na realidade escolar.

Freinet descreveu a escola tradicional como um lugar de obediência militar, onde se a disciplina, o silêncio e a seriedade são fundamentais para o sucesso na guerra:

“No quartel, pensava o sargento, entra-se na caserna em colunas de quatro, em passo cadenciado e ao som dos clarins, todos com o mesmo uniforme. Tanto no pátio como nos galpões, tudo está previsto: sabe-se, a qualquer hora do dia, qual a tarefa dos pelotões e das seções” (Freinet, 2001, p. 83).

Outros também apresentaram uma visão sombria sobre a escola, como Paul Goodman (1964), com a ideia de uma “deseducação obrigatória”, ou Jules Celma (1979), com referência à escola como um lugar de “educacção”. Para Babette Harper e colaboradores (1980) deveríamos temer a escola que domestica os estudantes e trata as pessoas com injustiça. Cabe mencionar Summerhill de Neill (1978), que também não estava em conformidade com a escolástica, mas optou por criar sua própria escola democrática. Atrevo-me a

dizer que estes nomes são desconhecidos para muitos educadores, da mesma forma que o pensamento sobre o método natural e o bom-senso de Freinet foi ocultado por suas técnicas de sala de aula classes técnicas – estas sim, lembradas em alguns cursos de pedagogia, e em artigos e livros sobre educação.

Por isso, em um sentido muito mais afetivo do que racional, considero Célestin Freinet um “herói” da educação escolar. Se esse adjetivo parece estranho em um ensaio sobre Freinet, então é recomendada a leitura seus livros. Por outro lado, se lhes parece adequado, explico que um herói é muito semelhante à noção acadêmica de referencial teórico. A diferença reside nos sentidos que as palavras escritas pelo herói mobilizam nos leitores: a racionalidade, a afetividade, o pensamento, a reflexão, a percepção da vida cotidiana, a necessidade de mudar o que é concreto e difícil, mas requer diferentes maneiras de fazê-lo – com urgência. Como Freinet demonstrou práticas inovadoras para a sala de aula, demonstrou como possibilitar e permitir aflorar o devir em cada estudante, e demonstrou que a escola não precisa ser como um quartel general, só posso ser grato por isso e nomeá-lo como um dos mais importantes heróis para minha própria docência.

Em outro ensaio (Fortunato, 2017), essa ideia de herói da prática pedagógica foi discutida com mais intensidade. Quando apresentei a ideia, mencionei cinco heróis: três professores que tive na graduação em pedagogia, e que me ajudaram a concluir o curso; Alexander Neill, de Summerhill, por ter me mostrado que é possível ter uma educação livre, com o objetivo de ajudar os estudantes a desenvolverem o autogoverno e a encontrar felicidade; e Célestin Freinet, porque sua teoria, seu bom-senso, seu método natural e suas técnicas me ensinaram a ensinar com mais liberdade, com respeito às diferenças de interesses, de aprendizagem e de justiça.

Desde que conheci os escritos de Freinet, mudei minha maneira de pensar a educação escolar. Na primeira lei da psicologia sensível, ele anotou que “a vida é”. Uma concepção muito simples, mas muito profunda sobre o sentido da existência humana. Essa concepção contradiz o famoso ditado sobre o cogito cartesiano – penso, logo existo – se tornando um exemplo muito claro da ontologia – sinto, logo existo. Para Freinet:

“Toda nossa pedagogia visará, justamente, a conservar e a aumentar esse potencial de vida que os métodos tradicionais reduzem, chegando por vezes a eliminá-lo, e cuja persistência e exaltação são como o próprio barômetro de um método sadio” (Freinet, 1998, p. 13).

Ao final, neste ano de 2016, em que se memora 50 anos sem Freinet, sentirei que cumpri meu tributo a meu herói, se mais alguém desejar celebrar 120 anos de seu nascimento. Pois sem ele – e esta é apenas uma confissão de um professor com poucos anos de estudo e prática – minhas aulas e escritos estariam reforçando a má e velha escolástica, que permanece a mesma desde sempre.

## 2. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Celma, Jules. (1979). *Diário de um educastrador*. Trad. Elisabeth M. S. Kaplan. São Paulo: Summus.
- Fortunato, Ivan. (2017) Caminhos da formação na licenciatura: de estudante a docente. In: Fortunato, Ivan & Shigunov Neto (org.) *A Formação de Professores em Perspectivas: da História ao Fazer*. [em prensa]
- Fortunato, Ivan y Penteado, Claudio Luis de Camargo (2015). Educomunicação, ou contra a concorrência desleal entre educação e a mídia do espetáculo. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, SP, v. 17, n. 2, p. 377-393.
- Fortunato, Ivan. (2013). Algumas ideias de Célestin Freinet para motivar a docência. *Direcional Educador* (Impresso), São Paulo, v. 105, p. 34-36.
- Freinet, Célestin. (2004). *Pedagogia do bom-senso*. Trad. J. Baptista. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Freinet, Célestin. (2001). *Para uma escola do povo: guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes.
- Freinet, Célestin. (1998). *Ensaio de psicologia sensível*. Trad. Cristiane Nascimento e Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- Freinet, Célestin. (1977a). *O método natural I: a aprendizagem da língua*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Freinet, Célestin. (1977b). *O método natural II: a aprendizagem do desenho*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Freinet, Célestin. (1977c) *O método natural III: a aprendizagem da escrita*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Freinet, Célestin. (1975). *As técnicas de Freinet da escola moderna*. Trad. Silva Letra. 4. ed. Lisboa, Portugal: Estampa.
- Goodman, Paul. (1964). *Compulsory Mis-Education*. New York: Horizon Press.
- Harper, Babette; Ceccon, Claudius; Oliveira, Miguel Darcy de & Oliveira, Rosiska Darcy. (1980). *Cuidado, escola!: desigualdade, domesticação e algumas saídas*. 18ª. ed. São Paulo: Brasiliense.
- Neill, Alexander Sutherland. (1978). *Um mestre contra o mundo: o fracasso que floriu numa nova escola*. Trad. Aydano Arruda. São Paulo: IBRASA.

\*\*\*\*\*

DOI: <http://dx.doi.org/10.15366/tp2016.27.011>